

DIFICULDADES E PERSPECTIVAS NA EJA: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA E HISTÓRICA DAS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Amanda Sofia Cardoso da Silva

Graduanda em pedagogia, Universidade Federal do Pará (UFPA)- Castanhal, PA, Brasil.

E-mail: cardosodasilvaamandasofia@gmail.com

Introdução

O presente resumo expandido analisa a Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir de fundamentos psicológicos e históricos da educação, buscando compreender como as condições sociais, econômicas e subjetivas dos educandos influenciam os processos de aprendizagem, permanência escolar e construção do conhecimento. A discussão fundamenta-se em uma perspectiva crítica da educação, entendendo o fenômeno educativo como uma prática social historicamente situada e atravessada por relações de desigualdade. Tem como objetivo aprofundar a discussão proposta no artigo "Dificuldades e perspectivas na EJA: uma análise psicológica das experiências de aprendizagem dos alunos", de autoria de Amanda Sofia Cardoso da Silva, que aborda de forma crítica e reflexiva os desafios enfrentados pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estudo busca compreender como fatores psicológicos, sociais e econômicos interferem diretamente nos processos de aprendizagem, na permanência escolar e na motivação dos educandos, evidenciando que o fenômeno educativo, especialmente nessa modalidade, não pode ser analisado de maneira isolada ou descontextualizada.

A temática apresenta grande relevância para a área da Pedagogia, uma vez que a Educação de Jovens e Adultos constitui uma modalidade educacional marcada por profundas especificidades históricas, sociais e humanas. A EJA atende sujeitos que, por diferentes motivos, tiveram seu direito à educação negado ou interrompido em etapas anteriores da vida, sendo frequentemente atravessados por trajetórias de exclusão social, desigualdade econômica, trabalho precoce e responsabilidades familiares. Nesse sentido, a escola passa a assumir um papel que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, tornando-se um espaço de acolhimento, reconstrução de vínculos com o saber e ressignificação de experiências escolares anteriores. Conforme destaca Miguel Arroyo, “a Educação de Jovens e Adultos é marcada por trajetórias e invisibilizadas” (Arroyo, 2012), o que exige práticas pedagógicas comprometidas com a valorização das histórias de vida dos educandos.

Assim, compreender a EJA implica reconhecer os estudantes como sujeitos históricos, portadores de saberes construídos em diferentes contextos sociais, culturais e profissionais, que precisam ser considerados no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, o processo educativo não pode ser concebido como neutro, mas como uma prática social e política, profundamente relacionada às condições concretas de existência dos educandos. Como defende Paulo Freire, a educação deve partir da realidade vivida pelos sujeitos, promovendo o diálogo, a escuta e o respeito às experiências que os alunos trazem consigo. Desse modo, refletir sobre as dificuldades e perspectivas da EJA significa também repensar o papel da escola e do professor na construção de uma educação mais inclusiva, democrática e socialmente comprometida.

Metodologia

O artigo analisado fundamenta-se em uma pesquisa de abordagem quantitativa, desenvolvida com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Maria das Mercês de Oliveira Conon, localizada no município de Castanhal, no estado do Pará. A opção por essa abordagem metodológica justifica-se pela necessidade de levantar dados objetivos que possibilitassem compreender o perfil sociodemográfico dos participantes e identificar aspectos relevantes de suas condições de vida, os quais influenciam diretamente o processo de aprendizagem e a permanência escolar. A população investigada foi composta por alunos regularmente matriculados na EJA, abrangendo diferentes faixas etárias e trajetórias educacionais.

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionários estruturados, contendo perguntas fechadas, o que permitiu maior padronização das respostas e facilitou a análise quantitativa dos dados. Entre as variáveis investigadas destacam-se: idade, condição de moradia, situação profissional, carga horária de trabalho, existência de filhos, responsabilidades familiares e expectativas em relação à continuidade dos estudos, especialmente no que se refere ao ingresso no ensino superior. Após a coleta, os dados foram organizados e analisados de forma descritiva, possibilitando a identificação de padrões e tendências no perfil dos estudantes da EJA. Essa etapa foi fundamental para estabelecer relações entre as condições sociais, econômicas e familiares dos participantes e os desafios enfrentados no contexto escolar. Dessa forma, a metodologia adotada contribuiu para uma compreensão mais ampla da realidade dos educandos, oferecendo subsídios para a reflexão sobre práticas pedagógicas mais adequadas às especificidades da Educação de Jovens e Adultos.

Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa evidenciam que a maioria dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos é composta por adultos que exercem atividades laborais durante o período diurno e frequentam a escola no turno noturno. Tal configuração revela uma realidade marcada pela sobrecarga física e mental, na qual o cansaço acumulado ao longo do dia compromete a atenção, a concentração e a disposição para a aprendizagem. Essa condição expõe uma contradição estrutural da EJA: embora represente uma política pública de inclusão educacional, muitas vezes é ofertada sem considerar, de forma efetiva, as limitações concretas impostas pela rotina de trabalho dos educandos.

Do ponto de vista crítico, observa-se que o sistema educacional ainda transfere para o estudante a responsabilidade quase exclusiva pelo sucesso ou fracasso escolar, desconsiderando as desigualdades sociais que atravessam sua trajetória. Conforme destaca Dermeval Saviani, “a escola não pode ignorar as condições concretas em que vivem os alunos, sob pena de reforçar as desigualdades sociais” (Saviani, 2008). Nesse sentido, exigir rendimento, frequência e desempenho homogêneos de sujeitos que vivenciam realidades tão distintas revela uma prática pedagógica pouco sensível às especificidades da EJA. Outro dado relevante refere-se ao fato de que muitos estudantes residem de forma independente e não contam com apoio familiar direto. Essa condição amplia a vulnerabilidade social dos educandos e reforça a necessidade de que a escola assuma um papel que ultrapasse o ensino de conteúdos formais, tornando-se um espaço de acolhimento, escuta e apoio. Contudo, observa-se que nem sempre as instituições educacionais dispõem de estrutura, formação docente ou políticas internas capazes de responder adequadamente a essas demandas, o que evidencia limites institucionais na efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Apesar das adversidades, os resultados apontam que uma parcela significativa dos estudantes manifesta o desejo de prosseguir os estudos e ingressar no ensino superior. Esse dado revela a educação como um espaço de esperança e de projeção de novos projetos de vida, mesmo em contextos marcados por desigualdade e exclusão. A partir dessa perspectiva, a aprendizagem passa a ser compreendida não apenas como aquisição de conteúdos, mas como possibilidade de transformação social e pessoal. Tal relação pode ser compreendida à luz de Bernard Charlot, ao afirmar que “não há saber sem relação com o saber” (Charlot, 2000), evidenciando que o engajamento do aluno está diretamente ligado ao sentido que ele atribui à escola e ao conhecimento. A análise dos dados também permite uma crítica às práticas pedagógicas tradicionais ainda presentes na EJA, muitas vezes baseadas em métodos rígidos, avaliações padronizadas e currículos pouco contextualizados. Essas práticas tendem a desconsiderar os saberes construídos pelos estudantes ao longo de suas experiências de vida, o que pode gerar desmotivação e reforçar sentimentos de incapacidade. Em contraposição, uma perspectiva crítica e emancipadora, defendida por Paulo Freire, reconhece que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1970), apontando a necessidade de que o processo educativo parta da realidade concreta dos educandos.

Dessa forma, os resultados e discussões evidenciam que os desafios enfrentados pelos alunos da EJA não se limitam a questões individuais, mas estão profundamente vinculados a fatores estruturais, sociais e institucionais. A permanência e o sucesso escolar desses estudantes dependem não apenas de sua motivação pessoal, mas do compromisso da escola e das políticas públicas em construir práticas pedagógicas mais flexíveis, humanizadas e socialmente comprometidas, capazes de reconhecer o educando da EJA como sujeito de direitos e protagonista de sua própria aprendizagem.

Conclusões

Conclui-se que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos enfrentam desafios complexos e interligados de ordem social, econômica e psicológica, que impactam diretamente seus processos de aprendizagem, sua permanência na escola e suas possibilidades de continuidade dos estudos. A análise realizada evidencia que tais dificuldades não podem ser compreendidas como falhas individuais, mas como expressões de um sistema educacional que historicamente negligencia as especificidades desse público e reproduz desigualdades sociais já existentes. Os resultados apontam que, embora a EJA se apresente como uma política de inclusão, sua efetivação ainda ocorre de forma limitada, muitas vezes sem considerar as condições concretas de vida dos educandos. Exigir rendimento, frequência e desempenho padronizados de sujeitos que conciliam trabalho, responsabilidades familiares e estudo revela uma contradição que precisa ser enfrentada de maneira mais responsável pelas instituições escolares e pelas políticas públicas educacionais.

Torna-se evidente que a permanência e o sucesso escolar desses estudantes dependem menos de esforço individual e mais de condições pedagógicas, institucionais e sociais adequadas. Nesse sentido, o papel do professor na EJA assume centralidade, exigindo uma atuação que vá além da transmissão de conteúdos e se fundamente na escuta, no diálogo e no reconhecimento das trajetórias de vida dos educandos. Práticas pedagógicas rígidas, descontextualizadas e avaliativas, quando aplicadas de forma acrítica, contribuem para a desmotivação e para o afastamento dos alunos da escola. Por outro lado, metodologias flexíveis, conteúdos significativos e relações pedagógicas humanizadas configuram-se como caminhos possíveis para a construção de uma aprendizagem mais efetiva e emancipadora.

Por fim, refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos implica assumir um compromisso ético e político com uma educação que não apenas inclua, mas que garanta

condições reais de permanência, aprendizagem e transformação social. A EJA precisa ser compreendida como um espaço de reparação histórica e de afirmação de direitos, no qual a escola se questiona sobre sua própria prática, suas finalidades e seu papel social. Avançar nessa direção significa reconhecer que educar jovens e adultos é decidir, cotidianamente, se a educação continuará reproduzindo exclusões ou se assumirá, de fato, sua função transformadora.

Palavras-chave

Educação de Jovens e Adultos; Aprendizagem; Inclusão educacional.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GADOTTI, Moacir. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2009.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 40. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

